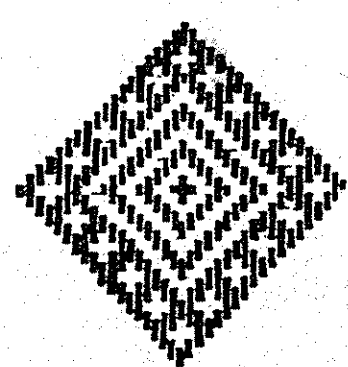


Derrota do mito e falência da identidade



Maira comemora 20 anos como romance indígena que denuncia o etnocídio cometido pelos civilizados

FELIPE PENA

Os vinte anos de *Maira*, romance do antropólogo Darcy Ribeiro, devem ser comemorados como o aniversário do único "romance indígena" brasileiro que realmente serve à causa do índio. *Maira*, relançado pela Record, ganha nesta edição comemorativa novo projeto gráfico e textos analíticos de Antonio Candido, Alfredo Bosi, Moacir Werneck de Castro, J. Maia Neto, Antonio Houaiss, entre outros. Desde *O Uruguai*, de Basílio da Gama, poema escrito para ilustrar a ideologia do autor, que era partidário da política iluminista do Marquês de Pombal, até *Quarup*, de Antonio Calado, cuja abordagem é marxista, todas as histórias têm a mesma característica etnocêntrica de falar mais sobre aquele que escreve do que propriamente sobre o índio.

O romance foge desta regra para se estabelecer como uma narrativa a partir dos próprios instrumentos do índio. Ele é escrito de forma a confrontar a cultura branca e a indígena, e denunciar o etnocídio cometido pelo mundo civilizado, levando o índio à impossibilidade de permanecer fora dos rumos da história ocidental, precursora dos valores da modernidade, como tempo natural e a produção, inseridos no culto ao progresso. Os índios não conseguem continuar dentro de suas tradições culturais, nem tampouco são assimilados pela civilização, o que gera uma ruptura em seu processo de constituição como grupo e, conseqüentemente, a falência da identidade.

A derrota do mito em *Maira* está presente na impossibilidade de gerar os novos Maira e Micura, que viriam permitir aos mairuns resistir aos carámbas, os civilizados. Estes novos deuses nasceriam da personagem Alma, que fora fecundada pelos índios, ou seja, a fêmea civilizada é que tinha recebido a semente deles, simbolizando a conquista de uma terra desconhecida, numa espécie de "Iracema às avessas", como define a professora Vera Figueiredo. *Maira* é o romance de um antropólogo que viveu durante anos entre os índios, e cujo diário de campo se constituirá, segundo ele, na única obra de real valor a ser lembrada no futuro. *O amor e o gozo de Darcy* pelos índios são incontestáveis e se juntam à sua atuação humanitária como homem público. Entretanto, este romance não se caracteriza pelo otimismo ou pela crença no futuro da humanidade manifestadas pelo político Darcy Ribeiro. É, antes, segundo suas próprias palavras, o romance da morte do mito. Não tem a mesma função arquetípica da mitologia grega.

Na *Iliada*, a *areté* faz de Aquiles a figura preeminente entre os aqueus. Ele é o melhor entre seus pares, aquele que os representa. Quando volta ao campo de batalha, não está sozinho, mas escudado por toda a cultura aqueia, cuidadosamente representada pelos símbolos cinzelados por Hefestos na famosa armadura. Aquiles carrega, entre as cenas da vida aqueia, os arquétipos que constituem o inconsciente coletivo de seu povo. Este reconhece o herói, enaltece-o e leva-o à *kléos*, a glória. O pelada carrega, representa e se constitui na identidade dos aqueus.

Em *Maira* essa função cabe a Anacã, o *tuxana*. Líder guerreiro, ele "carrega na mão esquerda o tacape, sua arma de guerra e símbolo de mando". Entretanto, logo no começo do romance, ele reúne seu povo para anunciar a própria morte. Seguem-se demorados funerais, com ritos proporcionais à



Marcelo Regua

sua importância. Todos os pertences são enterrados, com ele, pois é o único que pode usá-los, uma representação simbólica equivalente ao *numem numem* da tradição hindu, também presente nos heróis gregos.

Seu substituto imediato é o sobrinho Avá, que, no entanto, se encontra distante da aldeia. Ele foi levado pelos jesuítas ainda menino e colocado num seminário, para servir de exemplo da possibilidade de "salvar a alma" dos selvagens. Todavia, o jovem Isaias (seu nome cristão), já perto de se tornar padre, começa a questionar sua identidade e decide retornar para os mairuns.

O mito do retorno, tão presente na mitologia grega, é reincorporado na versão indígena. Ele está representado em duas abordagens: primeiro, no questionamento interno do próprio Isaias, que retorna para tentar encontrar a identidade perdida: "Sou o outro em busca do um. Sou o que resulto ser, ainda, nesta luta por refazer os caminhos que me desfizeram." "E segundo, na trajetó-

ria do herói, que se ausenta do lar, recebe a sua *paideia* — mesmo que diferente —, mas deve voltar, para preencher o imaginário de seu povo: "Jaguar descreve seu tio Avá, o verdadeiro tuxauará. Ele é o herói perdido que volta com seu rancuá enorme, coroado de pelos espessos, como um pentelhante de arame farpado (...)"

Mas a volta é frustrante para os mairuns. O Avá não surruca todas as mulheres, não pesca como um tuxauará, não caça como um grande guerreiro, não fala como líder e nem mesmo tem os conhecimentos naturais e religiosos, caindo na ignorância de dizer que o Sol fica parado e a Terra é que gira em torno dele. O herói não tem a *areté* nem a *timé* necessárias para ser o melhor dos mairuns. O herói está desmoralizado, não representa mais os arquétipos daquele povo. A identidade está falida.

Alma é outra personagem que sofre o processo de fratura de identidade em *Maira*. Vem de uma sociedade patriarcal, onde sofre com a culpa di-

fundida pela ideologia cristã com relação aos pecados da carne. Vive um grande embate entre o desejo e a figura castradora do pai, que se resolve pela morte deste, determinando a vitória da culpa e o conseqüente internamento em um convento. Alma finalmente consegue se livrar da culpa e se entrega aos costumes da tribo. É chamada a "Mosaingar", que deverá parir os salvadores dos mairuns e representar a fecundação do índio na mulher branca, mas esse processo fracassa pela sua morte e a dos filhos gêmeos.

Em seu último livro, *O povo brasileiro — a formação e o sentido do Brasil*, o antropólogo Darcy Ribeiro traça um painel otimista sobre o Brasil. Segundo ele, a identidade brasileira nasce do sentimento de "ninguendade" por parte dos mestiços que aqui se constituíram. Estes, filhos de mãe e pai de raças diferentes, não se identificam com a cultura nem de um, nem de outro e, ao sentirem-se na "ninguendade", vão constituir uma nação nova, com uma cultura própria, num gênero humano que nunca existiu antes. O destino desta nação seria o de liderar a grande comunidade latino-americana sonhada por Bolívar. Seríamos a "Nova Roma, tardia e tropical (...)", mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra.

A comparação entre *Maira* e *O povo brasileiro* só confirma que o otimismo do antropólogo e senador não se estende ao romancista. No romance, quem se constitui no exemplo mais próximo do sentimento de "ninguendade" é Juca, o mestiço, filho de pai branco e mãe índia. Entretanto, ele não se estabelece como gênero novo, nem ignora ambas as ascendências. Pragmaticamente, identifica-se com o pai pacificador de índios e execra a genealogia mairum, para se colocar como um dos agentes do etnocídio, explorando outros mestiços e tentando estabelecer uma produção de peles de onça.

Ao relativizar valores e escrever um romance indígena a partir dos instrumentos destes, sem uma abordagem etnocêntrica, Darcy Ribeiro se insere nos procedimentos que sempre pautaram sua conduta como antropólogo. O romance serve à causa indígena como o próprio autor, denunciando o etnocídio cometido em nome de um progresso indefinido, que supostamente se considera imprescindível para a humanidade.

A tribo Mairum, querendo permanecer dentro de suas tradições, de suas crenças e de seu próprio tempo histórico, se vê acuada pela cultura ocidental civilizada, precursora da modernidade, que tenta universalizar seus valores. A resistência à aculturação significa para os mairuns a permanência da própria identidade. Para isso, eles vão recorrer aos próprios mitos, que são o suporte de seus arquétipos, a consistência de seu inconsciente coletivo.

Definitivamente, os índios não podem permanecer fora da história oficial. Devem aceitar o tempo natural produtivo e morrer na falta de referências, na falta do modelo primitivo. A fratura dos arquétipos juntam-se a fratura do herói e a do Deus. A derrota do mito determina a falência da identidade. A vitória do racionalismo moderno se mostra inevitável. O romance começa e termina com a morte da alma.

Felipe Pena é jornalista

Os índios das águas pretas, de Berta Ribeiro. Companhia das Letras/Edusp, 270 págs., R\$ 29

CARLOS AUGUSTO DA ROCHA FREIRE

O título do posfácio — "O sabor do saber indígena" — sintetiza a idéia central do livro *Os índios das águas pretas*, da antropóloga Berta Ribeiro. A autora é certamente a principal pesquisadora da cultura material dos povos indígenas do Brasil, atividade que iniciou nos anos 40, ao acompanhar os trabalhos de Darcy Ribeiro junto aos índios Kadiwéu. Até hoje é inexplicável o fato de o livro *Arte plumária dos índios Kaapor*, produto dessa parceria, em 1957, não ter sido reeditado. Este livro é uma pequena obra-prima, representativa da importância dos estudos ergológicos na antropologia brasileira.

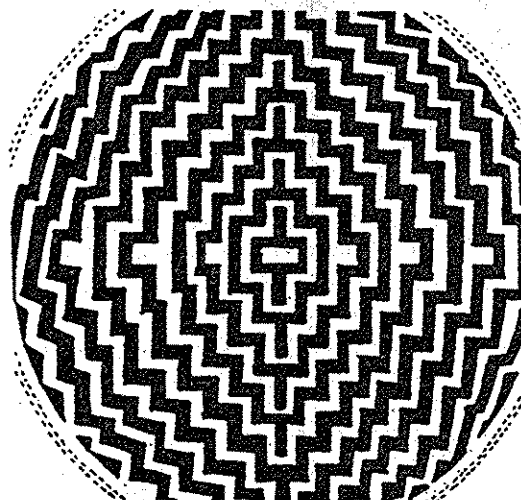
Berta acompanhou Darcy no exílio, após 1964, e se responsabilizou pela edição dos manuscritos de seus livros, enquanto viveram juntos. Voltou ao Brasil durante o regime militar, retomando os estudos de cultura material junto aos índios xinguanos do Brasil central, e os que habitavam os altos tributários do Rio Negro, no Noroeste da Amazônia. Datam dessa época o livro *Diário do Xingu* (Paz e Terra, 1979, esgotado), e a introdução de uma coletânea de mitos dos índios Desána. *Antes o mundo não existia* (Cultura, 1980, esgotado), reeditada recentemente pelos próprios índios (UNIRT/FOIRN, 1995). O livro de Berta Ribeiro lançado agora tem o mesmo título daquela introdução, constituindo uma ampliação da pesquisa inicial, desdobrada nos anos 80.

Os índios das águas pretas reúne a produção

Estudo revela como a sabedoria dos índios é aplicada ao meio ambiente

intelectual da autora a respeito desses índios, e de antigos conceitos e noções da antropologia cultural norte-americana são revigorados pela associação contemporânea de antropólogos e biólogos, que originaram os atuais estudos de Etnobiologia.

Ampliando a análise da aculturação indígena no Rio Negro, desenvolvida por Eduardo Galvão nos anos 50, Berta Ribeiro assimila a seu corpus teórico o conhecimento dos índios sobre um determinado ecossistema, aliando também, com um certo ecletismo, contribuições etnológicas as mais diversas às categorias e explicações nativas (índias). Embora encontremos alguns esboços, a preocupação da antropóloga neste livro é menos de elaborar um modelo de análise das relações entre cultura material e estrutura social do que revelar a riqueza e a erudição do conhecimento indígena a respeito de seu meio ambiente. Cabe-



nos lembrar que, como o título do livro sugere, uma visão de comunhão de crenças, ritos e práticas, unindo os povos indígenas do Rio Negro e seus afluentes, como produto de aculturação intertribal, pode encontrar interpretações divergentes e matizadas em outros estudos etno-históricos, de identidade e fronteiras étnicas.

Dentre os objetivos do livro, Berta Ribeiro desejou "dar aos índios alfabetizados uma história do Rio Negro". *Os índios das águas pretas* está dividido em duas partes: "A vida social" e "A vida econômica". Na primeira parte, a antropóloga procurou dar conta das migrações e da formação dos sibs (clãs) Desána, o que possibilitou uma visão histórico-cosmogônica da estrutura social desses índios. Ao discutir a constituição das relações sociais intra e intertribais, Berta Ribeiro priorizou o papel do artesão (especialista) e o mapea-

mento de insignias, padrões e desenhos indígenas. Já a segunda parte é constituída por estudos de etnobiologia, relativos a horticultura, tecnologia da pesca e etnobotânica, com destaque para o levantamento exaustivo da cultura da mandioca, e do conhecimento ictiológico dos Desána.

Nos capítulos finais do livro, Berta Ribeiro sente-se à vontade para demonstrar que a sabedoria indígena sempre possibilitou a manutenção dos ecossistemas da Amazônia, e que nenhuma população se adequa mais à política de preservação da biodiversidade do que os índios. Isto sem deixar de denunciar que o "sabor do saber indígena" é diariamente ameaçado pela expansão econômica predatória das madeiras e mineradoras.

Os índios das águas pretas interessa não só aos especialistas de diversas áreas, como ao leitor leigo. Berta Ribeiro, em apenas duas décadas de trabalho intelectual, produziu uma obra em que assinalamos mais de 10 livros e meia centena de artigos publicados, muitos dos quais premiados. Com grande dedicação e capacidade de trabalho, contribuiu para a consolidação dos estudos de cultura material indígena no meio acadêmico, ampliando o campo das pesquisas etnográficas, arqueológicas e museológicas. Além disso, sempre militou pela causa indígena, principalmente através de sua obra, instrumento que os indigenistas de ontem e de hoje utilizam para revelar a riqueza sociocultural do cotidiano dos índios do Brasil.

Carlos Augusto da Rocha Freire é Mestre em Antropologia Social e pesquisador do Museu do Índio